

# Ética é diferente de Moral<sup>1</sup>

Ursino Neto

“...ética do cuidado de si...o exercício de si sobre si pelo qual alguém tenta se elaborar, se transformar para chegar a certo modo de ser...”  
(Michel Foucault)

## SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 Resgate histórico-filológico dos conceitos de ética e moral
- 3 A moral deveria usar a regra para uma convivência humana justa
- 4 A ética deveria usar o ser do homem para torná-lo melhor e feliz
- 5 Considerações finais

### 1 Considerações preliminares

O tema da ética e da moral é pertinente a toda cultura humana desde os seus primórdios, pois, por intermédio dele, o ser humano estabelece uma relação de convivência com os outros e consigo mesmo.

Para a cultura ocidental, o apogeu do pensamento filosófico clássico na Grécia, entre os séculos V e IV a. C., demarcou as principais linhas desse campo temático.

O acontecimento considerado como fonte originária foi o debate entre Sócrates e os sofistas (especificamente, Protágoras) sobre o “ensino” da *areté* em torno do século IV a.C. em Atenas.

O termo grego *areté* chegou até a língua portuguesa por intermédio do latim com uma tradução limitada: virtude.

Na origem, a palavra *areté* designava a “excelência”, a “força interior”, a “perfeição” ou o “melhor valor” de alguém ou de algo.

A qualificação expressa neste “melhor valor” constituía a plenitude do ser (deste alguém ou deste algo), em outras palavras, *uma força que lhe era própria*<sup>2</sup>.

O sentido de adquirir a forma ideal de ser humano era o principal valor ético. Portanto, a ontologia (o sentido do ser) e a dimensão ética estavam jungidas.

O objetivo do texto didático é esclarecer que a bioética produzida no nosso módulo como *ética-da-vida* ou *aionética* concerne à dimensão ética e não à moral.

Ainda hoje se faz confusão entre os conceitos do campo ético. Talvez, isso tenha sido ocasionado pelo uso inadequado da tradução e conseqüente hermenêutica, ao longo da história, das duas línguas matrizes envolvidas: o grego e o latim.

Faremos um breve resgate para a compreensão adequada.

### 2 Resgate histórico-filológico dos conceitos de ética e moral

---

<sup>1</sup> Texto didático para a Equipe II: uma referência para produzir um *exercício de experiência ética*.

<sup>2</sup> Cf. JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

A circunscrição do campo ético advém da transliteração de *dois substantivos* gregos: *ēthos* (ἦθος – com a vogal *eta* [η] inicial) e *ethos* (ἔθος – com a vogal *épsilon* [ε] inicial).

As duas grafias quase homófonas e homógrafas existentes na língua grega originaram linhas de pensamento ou eixos de interpretação distintos.

O primeiro termo *ēthos* significava, no grego arcaico, o local do abrigo, a habitação tanto do homem (casa) como de animais (estábulo).

A partir do século V a.C., com a elaboração do pensamento filosófico sobre a condição humana, ele adquiriu o valor de “abrigo interior”, ampliando a sua semântica para indicar o *caráter* do indivíduo, a sua *peculiaridade*, o seu *modo de ser* ou a sua *forma de vida*.

Didaticamente, ele será grafado daqui em diante com o E maiúsculo (*Ethos*).

Já o segundo *ethos* se referia ao comportamento humano do *hábito*. Este, geralmente, relacionado a uma diretriz orientadora do *costume*, isto é, um componente e traço característico da *cultura* que se fará um pertence do próprio indivíduo por meio do ato repetitivo e, “naturalmente”, internalizado pela educação.

Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), discípulo de Platão (428 a.C.-348 a.C.) por vinte anos, foi o filósofo responsável pela sistematização do conhecimento relativo ao campo temático em estudo<sup>3</sup>.

Atenção para os seguintes pontos:

A interpretação gramatical do campo filosófico grego clássico estabelece dois polos que se conjugam para expressar o “fenômeno da ética” como um conjunto de conceitos integrados e inter-relacionados.

A língua grega é constituída de declinações e as palavras mudam a sua estrutura de acordo com a função na frase (também chamado caso: nominativo, genitivo, acusativo, dativo etc.).

O substantivo indica o caso nominativo e, a partir dele, se constituem os outros termos funcionais da frase, dependendo da sua aplicação no contexto (isto é, varia quando se trata de origem ou pertencimento, de objeto direto ou indireto etc.).

Exemplificando com o substantivo *ethos*, de cuja raiz (*eth*) deriva termos com a desinência terminando em *iká* ou *iké*, como nas palavras *ethiká* ou *ethiké* que são qualificativos. Assim, a palavra *ethiká* (*ética* em português) deveria ser interpretada como um adjetivo.

Em grego, o “fenômeno ético” é designado no caso genitivo.

Ou seja, trata-se de uma declinação, um caso gramatical designando uma relação de pertencimento, de posse ou de origem.

O primeiro *Ethos* indica um pertencimento à interioridade (*genitivo subjetivo*) e o segundo *ethos* designa um pertence da exterioridade (*genitivo objetivo*).

Tal declinação não existe na língua portuguesa; entretanto, o seu correlato de sentido se expressa por intermédio das preposições *de*, *do(s)* e *da(s)*. Exemplos: o livro *de* João, a *ética-da-vida*.

A concepção grega filosófico-linguística de *Ethos* e *ethos* foi traduzida em torno do século I a.C.<sup>4</sup> para o latim que, sendo também uma língua com declinações, a traduziu incorporando-a em seus próprios casos, isto é, *mos*, *mores*, *moris*, *moralia* etc.

O substantivo moral, na língua portuguesa, é antecedido por artigo ou preposição para designar as diferentes acepções dos substantivos gregos *Ethos* e *ethos*.

---

<sup>3</sup> Cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4ª ed. São Paulo: EDIPRO, 2014.

<sup>4</sup> Há relatos indicando que o livro *Ética a Nicômaco* foi traduzido por Cícero nessa época.

Esta é a explicação, a justificativa do motivo pelo qual se encontra nas *línguas neolatinas*, como o português, a palavra moral.

Os dois termos ética e moral são utilizados nas línguas contemporâneas; entretanto, às vezes, de modo confuso ou incoerente.

De acordo com Cesar Candiotto<sup>5</sup>, o pensamento filosófico inventou um artifício para abrigá-los respeitando a distinção entre eles.

O substantivo grego *Ethos* (caráter, modo de ser) passou a ser interpretado como ética; enquanto, para o outro *ethos* (costume, hábito social) ficou reservada a palavra moral.

Para melhor compreensão didática e usando termos atuais, se diz: o *Ethos* concerne à *subjetividade*, à condição interior individual, à singularidade do ser humano.

Enquanto o *ethos* se refere à *exterioridade social*, aos costumes da cultura, aos hábitos, às normas e regras que direcionam o comportamento de uma pessoa, grupo ou comunidade.

Embora os dois étimos possibilitem a interpretação de significados diferentes, o campo ético é o conjunto que os entrelaça.

### **3 A moral deveria usar a regra para uma convivência humana justa**

De início, duas observações:

O verbo usar será compreendido aqui com o significado do grego *chresthai* a partir da leitura de Giorgio Agamben<sup>6</sup> que o aplica não no sentido de “servir-se de” ou de “utilizar algo”, mas designando uma relação estreita, um vínculo entre o sujeito e algo intimamente relativo a ele.

A expressão verbal *chresthai* ocorre no dativo<sup>7</sup> ou no genitivo e manifesta a relação que se tem consigo.

A segunda observação é interpretar a moral como um genitivo objetivo porque está relacionada ao conceito de valor aplicado à exterioridade.

O que é o valor?

Valor é interpretação. Interpretar é atribuir, determinar, estabelecer um significado para algo (qualquer coisa real ou imaginária) fazendo dele derivar um sentido.

Conhecer, explicar a natureza deste algo e estabelecer o seu valor são atos inter-relacionados, porém distintos.

O comando, o poder de uma interpretação pertence ao sistema de pensamento hegemônico capaz de determinar o valor em algum momento da história.

A moral é um sistema de valores. Ela atua por meio dos dispositivos da cultura.

Um dispositivo é uma rede que articula um complexo heterogêneo de elementos discursivos como regulamentos institucionais, leis, medidas administrativas, enunciados científicos ou determinações normativas visando a um objetivo estratégico da fonte originária da moral.

Dentre todos os viventes, somente o *Homo sapiens* é capaz de problematizar sobre o que é a natureza da vida, qual é o seu significado e o seu valor.

As respostas da busca são produzidas a partir de saberes que constituem as fontes originais de acordo com os seus interesses e o seu poder.

---

<sup>5</sup> Cf. CANDIOTTO, C. (Org.) *Ética: abordagens e perspectivas*. 2º ed. Curitiba: Champagnat, 2011.

<sup>6</sup> Cf. AGAMBEN, G. *O uso dos corpos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

<sup>7</sup> Dativo é o caso que indica o nome de algo, designa o objeto indireto ou um complemento nominal.

Mito, religião, arte, filosofia, educação, política, ciência são campos ou dimensões culturais que, desde os primórdios do nascimento do homem neste planeta, o auxiliam na procura incessante para justificar o seu percurso de viver.

Portanto, as fontes originárias da moral se encontram na cultura de cada povo.

Cada cultura produz a sua moral como um conjunto de referências ou signos que orientam a interpretação, a explicação ou a justificação sobre um fato ou um acontecimento estabelecendo o seu valor.

Ou seja, as morais são múltiplas e distintas no contexto da realidade social; porém, concebidas como forças buscando a hegemonia, algumas se agregam e se entrelaçam, enquanto outras colidem em conflito.

Mesmo em uma área específica restrita a qualquer desses campos (filosofia, religião, ciência, política, arte...), há interpretações divergentes de acordo com a época, com as instituições e com os diferentes pensadores.

Em suma, cada uma das morais poderá estabelecer um princípio para a justificativa da vida, por exemplo, para a religião se encontra em um plano metafísico ou sagrado; para a ciência, em uma explicação de base empírica; para a filosofia, em uma coerência de lógica conceitual.

Para a *arte*, em *expressão de liberdade* que nos convoca e encaminha um apelo irredutível à própria singularidade dela.

Tradicionalmente, a moral ao se expressar nos costumes característicos de uma cultura, faz deles critérios para avaliar tanto condutas individuais quanto práticas sociais.

O manto moral instaura o adestramento, o controle, a normatização e a normalização do indivíduo e dos grupos sociais por intermédio das instituições como escola, igreja, caserna, hospital, prisão etc.

A moral é utilizada, com frequência, como instrumento da cultura atuando coercitivamente, impondo uma série de interpretações cuja incorporação pelo homem poderá atingi-lo em um grau de magnitude danosa para a sua vida.

Entretanto, se pode considerar a crítica do filósofo Michel Foucault à configuração da subjetividade humana posta no conceito de “assujeitamento” e o seu contraponto investido na atitude de resistência do indivíduo elaborado no processo de “subjetivação”<sup>8</sup>.

Por definição, a ciência tradicional se diz neutra. O método científico se proclama infenso aos humores, emoções, gestos e atitudes humanas. Nada mais falso, pois alguns “cientistas” se põem como detentores da verdade, dela impondo uma moral.

Joshua Greene<sup>9</sup> faz uma crítica interessante: o caráter científico está baseado em evidências quando explica o mundo natural. Contudo, disso não se pode inferir que desvelar a natureza da realidade implica a revelação de uma essência moral e, como consequência, que a ciência se julgue com a autoridade de prescrever uma moral absoluta.

No entanto, para o pesquisador norte-americano, a moralidade é uma decorrência biológica.

Explicando melhor, para ele, a moralidade é a capacidade do ser humano de compreender, de se adaptar e de agir de acordo com o sistema de regras e de costumes (moral) da sua sociedade.

---

<sup>8</sup> Cf. O texto didático: *A relação entre o biopoder e a medicina: impactos sobre o indivíduo e a sociedade*.

<sup>9</sup> Cf. GREENE, J. *Tribos morais: a tragédia da moralidade do senso comum*. Rio de Janeiro: Record, 2018, pp. 191-192.

Isso é um traço da evolução e da seleção natural com o objetivo de “promover a cooperação no interior dos grupos”.

Resumindo, o texto didático procurou desvelar as representações tradicionais ocultas na religião, na ciência, na educação, na política e na própria filosofia, ou seja, os seus dispositivos morais impondo à vida um valor regulatório de submissão aos seus interesses.

Esta descoberta torna compreensível o antagonismo, o conflito que se põe entre o campo da moral com os seus códigos, regras, normas etc. e as possibilidades próprias da vida porque aquelas determinações negam a potência vital fixando e impondo valores soberanos a ela.

Em síntese, o conceito de moral se expressa na força determinante das instituições da cultura quando atuam normatizando a vida humana por intermédio da tradição dos costumes, dos hábitos, das regras, dos códigos, dos discursos etc.

Sendo o direito uma fonte originária da moral e tendo como princípio a justiça, o seu uso deveria propiciar o bem-comum, isto é, uma convivência justa entre os seres humanos e de respeito à natureza.

#### **4 A ética deveria usar o ser do homem para torná-lo melhor e feliz**

Sócrates é um personagem lendário da filosofia, considerado como o marco divisor do pensamento antigo em antes e depois dele. O que de tão significativo para a cultura ocidental produziu ele?

Sem dúvida, o arcabouço originário dos exercícios de experiência ética.

Lembrando: Sócrates nada deixou escrito, o que se conhece do seu pensamento é o legado dos seus discípulos, o principal: Platão.

Em linhas gerais, observando-se a limitação de um texto didático, se resume a extraordinária contribuição *socrático-platônica* à elaboração e ao desenvolvimento do projeto que conduzia a natureza do homem à realização do seu ser ao praticar o exame de si próprio.

Este exercício era pautado no pensamento (*logos*), tendo como referência a concepção do Bem. Por meio dele seria possível adquirir a *areté* e atingir a felicidade.

O que fundamenta esta convicção?

A resposta é inequívoca: a dimensão ética (do *Ethos*) como uma capacidade racional constituindo a essência do ser humano.

Assim, o “melhor modo de ser” de um indivíduo tem início com o “autoexame” da *psyché*<sup>10</sup>: este é o caminho pelo qual se pode chegar à “perfeição” e à harmonia com a natureza do universo, isto é, encontrar-se em *eudaimonia* que amiúde se traduz por *felicidade*.

Também aqui se trata de uma tradução inadequada do grego porque o significado originário da palavra *eudaimonia* era “ter um”, “participar de” ou “pertencer a um bom *daímon*<sup>11</sup>” com o sentido de *viver feliz*, ter uma *vida boa*.

A partir disso se desvela o “discurso socrático” como um fenômeno cultural novo e uma mudança paradigmática de valor: o homem pode alcançar a *eudaimonia*

---

<sup>10</sup> *Psyché* se traduz como *alma*, sendo origem etimológica da palavra *psicologia*. Evidentemente, o significado de alma para o grego não corresponde à mesma expressão do termo para a teologia da Igreja Católica.

<sup>11</sup> No texto didático sobre *ética-da-vida* ou *aionética* se interpretará o significado de *daímon*.

pelo domínio completo sobre si mesmo, de acordo com a ordem encontrada no exame da sua própria alma.

O que de relevante eclodiu desta nova concepção?

Um método, uma experiência inquirindo e enfatizando o valor do conhecimento: o “conhece-te a ti mesmo” (em grego, *gnôthi seauton*; em latim, *temet nosce*).

Embora este lema não fosse uma invenção de Sócrates porque era um preceito da sua cultura, pois se encontrava escrito no pórtico do templo do deus Apolo em Delfos, o seu ato de problematizá-lo possibilitou a eclosão de uma nova perspectiva e fez emergir o valor que justificava viver.

Para isso, era necessário que o indivíduo examinasse a sua conduta e discernisse sobre o principal conhecimento que vinculava alma e *areté* por intermédio de um “exercício de reflexão intelectual”.

Uma frase atribuída a Sócrates – “uma vida sem exame não merece ser vivida” – pode ser interpretada como uma síntese analítica referente à relação entre a vida e a formação do *Ethos*.

O essencial era o produzido no exercício do “cuidado de si”<sup>12</sup> como o valor fundante, o sentido que justificava a vida de cada um.

## 5 Considerações finais

Ética e moral são palavras de línguas distintas (grego e latim) que designam um amplo campo da cultura, estabelecendo uma relação característica entre a interioridade do ser humano e o seu mundo, o seu derredor, a sua exterioridade.

Cada cultura tem os seus códigos morais, a partir dos quais são estabelecidos os seus valores como princípios, normas, regras, leis etc. sendo utilizados como parâmetro para distinguir entre o certo e o errado, o permitido e o proibido, o bom e o ruim, o legal e o ilegal no contexto da vida cotidiana.

Agir somente em função do legalmente permitido, cumprindo normas e decretos, é insuficiente para caracterizar a dimensão ética, pois nem sempre as leis, decretos e normas jurídicas vigentes constituem um desdobramento de princípios éticos; ao contrário, com frequência, elas são elaboradas atendendo interesses econômicos, políticos, corporativos, religiosos ou de pequenos grupos.

O critério para determinar a “eticidade” de uma ação não se pauta pelo próprio limite da lei, daqui se conclui que a expressão “código de ética” é absurda e inadequada conceitualmente, pois o ético jamais poderia ser avaliado pelo próprio código.

A nomenclatura coerente é código de moral porque expressa historicamente o permitido ou proibido de um determinado comportamento. Exemplos: código de moral da medicina, código de moral da enfermagem, código de moral da odontologia etc.

A crítica de Friedrich Nietzsche ao valor dos valores morais da cultura ocidental supera e desvela tanto uma desconstrução daqueles considerados naturais e perenizados pelo poder institucional, como possibilita uma abertura para a invenção de novos emergindo no espaço vazio deixado por aqueles considerados ineptos para o ser humano.

A ética é inerente à relação com a alteridade, principalmente, com o outro ser humano que não é redutível a conceitos e se manifesta sempre como diferente de nós próprios.

O nosso módulo é sobre bioética compreendida como uma relação entre vida e ética (e não moral).

---

<sup>12</sup> Cf FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito*. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.